



OS FEMINISMOS DE MARCELA TEMER E BENEDITA DA SILVA

Roberta Santos de Almeida

Polícia Militar da Paraíba

Robertta_santos22@hotmail.com

Francisco Diógenes Freire Ferreira

Complexo de Ensino Renato Saraiva

profdiogenesferreira@gmail.com

RESUMO: O feminismo negro e branco se unem contra o machismo mas possuem uma construção e estereótipos diferentes na sociedade. Fato que torna elementos dessa luta diferentes, cujas individualidades não podem ser negadas. Portanto o objetivo neste trabalho é compreender estas diferenças e trazer visibilidade a elas, a partir das alegorias de Marcela Temer e Benedita da Silva, representantes aqui de outras mulheres brancas e negras que tem sua realidade distorcida e por vezes invisibilizada. Através de bell hooks (2005,2006), Angela Davis (1997) e Lelia Gonzales (1984); nesta pesquisa bibliográfica podemos perceber as pluralidades dentro do movimento feminista ao enxergar a subjetividade das mulheres quanto a construção social e histórica do fenótipo cor.

Palavras chaves: Feminismo negro. Mulata. Mãe preta. Empregada. Mulher.

INTRODUÇÃO

Há pouco tempo a revista veja publicou em seu periódico matéria que retratava a esposa do então vice – presidente Michel Temer como sendo bela, recatada e “do lar”. Tal posicionamento foi compreendido como sendo altamente retrogrado e machista para muitas mulheres e alguns homens entusiastas das causas feministas, ao passaram a conhecer o conteúdo da referida publicação. Tornada pública a matéria, o fato tornou-se um dos assuntos mais comentado no país nas redes sociais. Sendo estas redes devastadas por inúmeras críticas de pessoas, em sua grande

maioria de mulheres, revoltadas com tais estereótipos que o feminismo em suas diferentes facetas, no mundo todo, busca e buscou desde sua origem romper. Para muitas, tais colocações soaram como retrocesso diante do processo histórico de lutas e conquistas do feminismo. Embora algumas mulheres hoje prefiram ainda manter o comportamento de submissão em sua realidade cotidiana, um dos pontos que causou maior indignação trata-se da veiculação deste modelo como se o mesmo fosse o de ideal para a mulher brasileira.



Não buscando questionar quem de fato é Marcela Temer, mais avaliando como a revista veja se propôs em expô-la para a sociedade brasileira, é indiscutível que a citada revista procurou enaltece-la como modelo de mulher brasileira ao veicular como uma figura de submissão. Relegando espaços na mídia que poderiam ser preenchidos convenientemente por outras mulheres fortes que possuem importante papel político no nosso país a exemplo da Deputada Federal Benedita da Silva que é negra e ora ocupa um cargo de poder tendo voz e participação política direta no nosso país. Tal fato nos conduz ao questionamento principal que norteia este trabalho referente a relação entre a construção do modelo de mulher brasileira acolhida pela mídia como sendo: bela (por que não dizer também branca), recatada, “do lar” e que em entrelinhas se define como casada com um estadista que ocupa papel importante na política nacional; em contraposição, com um modelo de mulher negra, forte e de atuação política direta no nosso país que não é explorada pela mídia nacional como imagem para a mulher brasileira.

Nesse contexto, a imagem de Marcela associada como bela, recatada e “do lar”, traz para a discussão a luta estabelecida pelo movimento feminista em busca de romper com a realidade de submissão e opressão da

qual a mulher ainda é vista hoje numa sociedade de dominação masculina, (BIROLI e MIGUEL, 2014) que por sua vez não pode se distanciar das questões específicas que envolvem as mulheres negras.

Partindo da premissa que as formas de submissão e opressão acabam assumindo alguns contornos diferentes ao se referir as mulheres brancas e negras no Brasil e no mundo. Este trabalho se utiliza das alegorias de Marcela Temer e Benedita da Silva para realizar uma pesquisa bibliográfica enfatizando autoras como bell hooks (2005, 2006), Angela Davis (1997) e Lelia Gonzales (1984) para se discutir a realidade do movimento feminista quanto aos estereótipos da mulher negra em contraponto com as mulheres brancas e as diferenças de construção e tratamento dessas mulheres na sociedade e em veículos de comunicação como a revista Veja, a qual tão somente reflete a realidade de dominação masculina dentro da sociedade.

O feminismo negro e o branco

Muitos são os fatores para que estas duas mulheres Marcela Temer e Benedita da Silva assumam papéis diferentes neste processo e tenham aspectos de sua subjetividades respectivamente exploradas e ignoradas no âmbito da mídia nacional. Para tanto é possível iniciar essa discussão



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

tomando como diretriz o movimento feminista e seus diferentes olhares para as mulheres negras e brancas e a construção desses diferentes olhares que favorecerem as posturas defendidas pela revista veja.

Flavia Biroli e Luis Felipe Miguel (2014) definem que manifestações de luta contra a dominação masculina podem ser observadas desde a Grécia antiga com Safo e Hipátia, entrando na Idade Média com Cristina de Pizan, no entanto, o feminismo se lança no ocidente de fato como um movimento de cunho político e racional entre os séculos XVIII e XIX.

Quando o movimento feminista surgiu se centrava primordialmente na luta entre homens e mulheres, inicialmente sobre a égide da luta por igualdade e com o tempo por ressaltar as diferenças entre esses dois únicos grupos analisados como conjuntos separados e universais únicos. Dentro desta relação havia a interpretação do que seria entendido como patriarcado em que o homem estabelecia sobre a mulher uma relação de dominação completa (SAFFIOTI, 2004).

Na atualidade para alguns autores o termo patriarcado sofre ressignificações com a realidade atual em que a relação entre homens e mulheres perdeu o carácter histórico de dominação aos moldes absolutistas e ganhou uma interpretação próxima a de

sociedade democrática concorrencial em que mesmo no matrimônio se manifesta como uma parceira desigual em que a mulher assume maior vulnerabilidade (BIROLI e MIGUEL, 2014).

Livros como *A mística feminina* de Betty Friedan, que surge 1963 nos Estados Unidos da América (HOOKS, 2015) evidenciam esta noção de feminismo etnocêntrico. Este livro alcançou grande notoriedade quando foi lançado entre as mulheres brancas burguesas, pois coloca em relevo o quanto os aspectos que se revelavam da realidade da mulher negra eram ocultados. No presente livro a mulher que frequentara a universidade, então de alta classe e naturalmente branca em virtude da dificuldade a época de acesso à universidade das mulheres negras, se queixa da frustração de se tornar unicamente mãe e dona de casa, estando portanto afastada do campo de trabalho.

O livro enfatizava que as mulheres passavam por um processo de infantilização para se encaixarem aos únicos espaços que a sociedade machista da época estava disposta a conceder, como esposas e donas de casa sobre o julgo de um marido que as direcionava, um homem que se posiciona a frente e a cima da mulher como superior e protetor. As mulheres que escolhiam outro caminho eram estigmatizadas e tratadas como doentes numa

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociedade que enfatizava o casamento e a maternidade como verdadeiros apogeu que uma mulher seria capaz de alcançar. (MIGUEL e BIROLI, 2014). Situação inclusive para a qual as mulheres estavam designadas desde o seu nascimento como mulher, pois esta era a noção sexista de mulher a época. Embora a realidade demonstrada por Friedan fosse condizente com a verdade, tratava-se de uma verdade parcial. Uma vez que enfatizava a mulher branca, classe média e heterossexual.

Tal conotação presente no livro de Friedan, muito nos aproxima da questão de Marcela. A reportagem da veja ressalta que Marcela ainda chegou a terminar o curso de direito, mas nunca chegou a praticar o ofício e sim se tornou “do lar” numa clara alusão aos papéis de mãe e esposa por ela assumidos, enquanto ao marido cabe o provimento da casa. O recatada ressalta ainda mais a invisibilidade de Marcela em relação ao seu marido, não apenas pelas saias ao joelho, mas pelo fato de ficar sempre atrás de seu marido e se esperar que apareça unicamente em editoriais de moda. Evidenciar tais características infantilizando e fragilizando Marcela corresponde inegavelmente a construção esperada para a mulher branca na sociedade atual dentro dos velhos padrões machistas de qualidade.

Em relação a Benedita da Silva, o simples fato de assumir seu protagonismo social como Deputada Federal, assumindo então a dianteira em questões políticas cria desconforto para a sociedade machista reinante. A deputada não se mostra como submissa e nem fica atrás de um marido, assumi sim a dianteira sobre sua vida como uma mulher forte exercendo um espaço ainda monopolizado por homens. Benedita acaba respondendo ao eco dos anseios clamados por Friedan. No entanto, o percurso de luta feminista negra mesmo que indireto, desenvolvido por Benedita e reconhecido por um feminismo interseccional recente, revela um percurso social diferenciado na sua construção social como mulher e de outras mulheres negras que como Benedita assumem estereótipos diferenciados em relação a mulher branca e consequentemente com lutas suigeneres.

Ainda considerando o pressuposto de Friedan, mas o confrontando fora unicamente da égide da mulher branca. Saliente-se que muitas vezes a mulher trabalhadora pobre e/ou negra, em relação estigma de infantilização, este soa ao menos como incoerente diante de sua realidade. Muitas vezes na época em que o livro foi lançado, estas mulheres assumia sozinhas a subsistência de suas famílias. Fato bastante expressivo entre as mulheres negras que em



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

quantidade relevante assumiam o papel de empregada nas casas das mulheres enfatizadas no livro de Friedman. (MIGUEL e BIROLI, 2014). Mesmo sem muitos níveis de educação, a grande maioria das mulheres negras estavam sim no mercado de trabalho. Assumindo o papel de doméstica por não ter outra alternativa e recebendo salários inferiores e sem direitos trabalhistas. Angela Davis (1997).

Fato semelhante era visto na realidade brasileira. Rosália de Oliveira Lemos (2006, p.64) nos apresenta uma realidade em que “enquanto as feministas brancas ‘foram a luta’ para entrar no mercado de trabalho, há mais de 500 anos se explorava a mão de obra das mulheres negras. Por isto elas exigiam direitos trabalhistas e não o direito de trabalhar”.

Inicialmente é importante refletir que mesmo a condição de trabalhadoras domésticas possui uma representatividade diferenciada para a mulher negra tanto nos Estados Unidos como no Brasil em que negros e negras foram vítimas da escravidão. Neste triste período histórico as mulheres negras trabalhavam tanto nas lavouras como na casa grande onde trabalhavam no que podemos chamar de “serviço doméstico”, enquanto as mulheres brancas, com ou sem instrução, permaneciam como senhoras responsáveis por dar ordens as mulheres

negras, em uma relação de desigualdade e poder. Dando início a situação criticada por bell hooks (2015) em que as mulheres brancas estavam em posição privilegiada em relação as mulheres negras. Mesmo com o fim da escravidão, que no Brasil ocorreu no final do século XIX, para a mulher negra coube muitas vezes permanecer no trabalho doméstico exercendo as mesmas atividades quando dentro da casa grande.

Sendo portanto importante, fazer um paralelo entre o trabalho doméstico exercido pela mulher negra antes e depois da escravidão. Visto que no período da escravidão a atividade de domestica exercida era como escrava e que muitas vezes sofria abusos físicos e sexuais do senhor branco e diferentes formas de violência por parte da esposa ciumenta do senhor da casa (FREYRE, 2003).

Como mulheres que em sua maioria sempre trabalharam sobre a égide da escravidão ou não. Que ao final da escravidão ainda sustentavam suas famílias, a mulher negra construiu para si uma imagem de mulher forte, cuja força faz parte da sua própria construção interior. Este mito da força interior da mulher negra ainda favorece para que no Brasil atual estudos identifiquem que mulheres pardas e negras ainda recebem menos anestesia que mulheres brancas antes do parto (LEAL, GAMA e CUNHA, 2005).

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A ideia de força atrelada a mulher negra ainda favorece que surja a construção que elas devam sempre aguentar tudo e portanto ser destinadas ao silêncio. Angela Davis (1997) chama a atenção ao silêncio que a mulher negra é obrigada a fazer em relação as formas de violência que sofre do seu companheiro em nome de uma solidariedade entre homens e mulheres negros a fim de proteger a raça negra, obscurecendo as diferenças de poder estabelecidas entre os sexos dentro da conjuntura negra. Nesse ponto a violência doméstica sofrida pelas mulheres negras nos Estados Unidos, é colocada ao lado da violência que o homem negro sofre da polícia. O homem negro é ainda hoje extremamente discriminado pelos órgãos de segurança pública, desta forma caso a mulher negra sofresse alguma forma de violência do seu marido, deveria calar, pois as instituições de segurança poderiam até matar seu companheiro. “Nós sabemos que a violência de um parceiro sobre a mulher é tão ruim quanto a violência policial” (DAVIS, 1997).

Na leitura de Lelia gonzales (1984), ela faz uma análise da mulher negra no Brasil. Em que constata uma continuidade da realidade norte americana em relação a mulher negra com algumas características peculiares a sociedade Brasileira. No Brasil a imagem da mulher negra estava atrelada a

outros estereótipos além do dá força. Sendo ela representada como doméstica mais também como mulata e como a mãe preta. Em que cada uma dessas conjecturas guarda em si um significado especial. “O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (GONZALES, 1984, p.224).

Caio prado júnior (2011, p.342) em seu livro a formação do brasil descreve a relação da mulher negra com o branco:

“A outra função do escravo, ou antes da mulher escrava, instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores, não tem um efeito menos elementar. Não ultrapassara também o nível primário e puramente animal do contato sexual, não se aproximando senão muito remotamente da esfera propriamente humana do amor, em que o ato sexual se envolve de todo um complexo de emoções e sentimentos tão amplos que chegam até a fazer passar para o segundo plano aquele ato que afinal lhe deu origem.”

Pelo exposto fica claro que no período colonial a relação do homem branco com a mulher negra era de domínio sexual para unicamente satisfazer seus desejos. O que o autor chama de extinto animal, pois o amor romântico não poderia se realizar no Brasil escravagista entre um branco e uma negra. A

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher negra tem então a construção de sua imagem como mulher objeto a ser utilizada pelo senhor branco e outros homens da casa grande que é retomado da antiga mucama, mulher escrava jovem que trabalhava dentro da casa grande e que o senhor utilizava para saciar seus desejos libertinos. Este personagem da escravidão, a mucama, acabou por servir de molde para o estereótipo da mulher negra como empregada e como mulata. A construção da mulher negra como objeto de prazer para o homem branco favorece para que ainda hoje, embora exaltada como símbolo sexual como a mulata do carnaval, esta ao tirar a fantasia carnavalesca, volta a ser a negra da senzala a qual lhe é negado o amor dado apenas as brancas e que deve retornar ao serviço domésticos como na casa grande (GONZALES, 1984).

Tal realidade permitiu a bell hooks (2006) trabalhar o tema da solidão da mulher negra que também remonta a escravidão. Quando eram retiradas das suas casa na África, chegando no território brasileiro tiveram que aprender a conter as emoções a fim de sobreviver aos maus tratos do sistema escravagista, tanto homens como mulheres. O sofrimento desse momento reprimia até mesmo as relações dentro da senzala que poderiam surgir entre negros e negras, pois nunca sabiam até quando se manteriam juntos. Reprimir sentimento era acima de tudo

uma forma de sobrevivência. Mesmo após a escravidão entre os casais negros houve grande dificuldade de se estabelecer entre eles uma relação de afetividade, sendo constante os relatos de violência doméstica com as mulheres e os filhos do casal. O que nos remete a forma como o homem negro aprendeu com o homem branco a demonstrar sentimentos, ao ser sempre vítima de violência e controle. O homem negro reproduz esta relação de poder com sua companheira.

Mesmo quando as mulheres negras encontram-se bem vestidas e/ou pertencentes a classe média, o estereótipo de empregada faz com que estas sejam obrigadas pelos porteiros dos edifícios a entrarem pelo elevador de serviço conforme determinação do síndico branco, o mesmo que se enche de ludibriados desejos ao olhar as mulatas no carnaval. “‘boa aparência’, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria ‘branca’, unicamente atribuível a ‘brancas’ ou ‘clarinhas’” (GONZALES, 1984, p.230). A cor acaba por se sobrepor a própria realidade social e a imagem acaba mais forte que seu real sentido.

Com relação ao estereótipo da mãe preta é importante entender a maternidade da mulher escrava. No período da escravagista brasileiro, a escrava negra que houvesse dado a luz a uma criança retornaria normalmente



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com três dias as suas atividades. Diante dessa realidade a mãe escrava era obrigada a levar seu filho junto de si para a lavoura onde o amarrava com um pano a suas costas. Estas crianças muitas vezes ficavam por longos períodos atadas as costas das mães (CIVILETTI, 1991). Segundo Sá de Oliveira (1895, apud FREIRE 2003) esta prática da mulher negra que trabalhava com seu filho atado as costas resultava em deformações nas pernas das crianças. No caso das mães que não tinham condições, em virtude do tipo de trabalho, de manter seus filhos presos as suas costas, estas eram obrigadas a deixá-los deitados por longo período, como consequência estas crianças manifestavam a região occipital ora projetada para a parte posterior, ora achatada.

Segundo Maria Vittoria Pardal Civiletti (1981) muitas escravas eram obrigadas pelos seus donos a entregarem seus filhos para a roda, local para onde iriam as crianças abandonadas pela suas mães, pois dessa forma poderiam alugar a negra para um casal como ama de leite e assim obter lucro com a escrava. No entanto, muitas escravas também utilizavam a roda como um ato de resistência enquanto mães negras que através dela viam a possibilidade do seu filho escapar da escravidão. Inclusive, relatos de época dão conta de escravas que chegava a matar seus próprios filhos a fim de livra-los da

escravidão. De forma que se por um lado a mulher desenhada por Friedan queria o direito de não ser mãe, no Brasil a mulher escrava não lhe era dado o direito de ser mãe. Por sua vez na casa grande a mãe de leite acabava por se tornar a cuidadora da criança e de toda a família, pois na maioria dos casos a mulher da casa grande que dava a luz ao filho branco morria no parto ou por consequência dele. Nesta época os senhores da casa grande casavam com meninas entre 12 e catorze anos para as quais o grande patrimônio era encher de filhos legítimos o senhor da casa. Este tão logo perdia a esposa casava-se com uma irmã ou prima da falecida com idades semelhantes a sua viúva e resultando em mais órfãos de mães. As menina senhoras da casa grande sempre frágeis ou doentes entregava a ama preta a responsabilidade pelos cuidados e criação dos seus filhos, esta então acabava por estabelecer relações de cuidado próximas com estas crianças (FREIRE, 2003). Tal realidade contribuiu então para o mito da mãe preta. Mesmo que de filhos que não fossem de fato seus a mulher negra acaba por assumir o papel de mãe e sofria com a dor de não poder ser mãe dos seus próprios filhos. De forma que se por um lado a mulher desenhada por Friedan queria o direito de não ser mãe, no Brasil a mulher escrava não lhe era dado o direito de ser mãe. Com relação ao estereótipo da mãe preta é importante entender a maternidade da



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher escrava. No período da escravagista brasileiro, a escrava negra que houvesse dado a luz a uma criança retornaria normalmente com três dias as suas atividades. Diante dessa realidade a mãe escrava era obrigada a levar seu filho junto de si para a lavoura onde o amarrava com um pano a suas costas. Estas crianças muitas vezes ficavam por longos períodos atadas as costas das mães (CIVILETTI, 1991). Segundo Sá de Oliveira (1895, apud FREIRE 2003) esta prática da mulher negra que trabalhava com seu filho atado as costas resultava em deformações nas pernas das crianças. No caso das mães que não tinham condições, em virtude do tipo de trabalho, de manter seus filhos presos as suas costas, estas eram obrigadas a deixá-los deitados por longo período, como consequência estas crianças manifestavam a região occipital ora projetada para a parte posterior, ora achatada.

Segundo Maria Vittoria Pardal Civiletti (1981) muitas escravas eram obrigadas pelos seus donos a entregarem seus filhos para a roda, local para onde iriam as crianças abandonadas pela suas mães, pois dessa forma poderiam alugar a negra para um casal como ama de leite e assim obter lucro com a escrava. No entanto, muitas escravas também utilizavam a roda como um ato de resistência enquanto mães negras que através dela viam a possibilidade do seu filho escapar

da escravidão. Inclusive, relatos de época dão conta de escravas que chegava a matar seus próprios filhos a fim de livra-los da escravidão. De forma que se por um lado a mulher desenhada por Friedan queria o direito de não ser mãe, no Brasil a mulher escrava não lhe era dado o direito de ser mãe. Por sua vez na casa grande a mãe de leite acabava por se tornar a cuidadora da criança e de toda a família, pois na maioria dos casos a mulher da casa grande que dava a luz ao filho branco morria no parto ou por consequência dele. Nesta época os senhores da casa grande casavam com meninas entre 12 e catorze anos para as quais o grande patrimônio era encher de filhos legítimos o senhor da casa. Este tão logo perdia a esposa casava-se com uma irmã ou prima da falecida com idades semelhantes a sua viúva e resultando em mais órfãos de mães. As menina senhoras da casa grande sempre frágeis ou doentes entregava a ama preta a responsabilidade pelos cuidados e criação dos seus filhos, esta então acabava por estabelecer relações de cuidado próximas com estas crianças (FREIRE, 2003). Tal realidade contribuiu então para o mito da mãe preta. Mesmo que de filhos que não fossem de fato seus a mulher negra acaba por assumir o papel de mãe e sofria com a dor de não poder ser mãe dos seus próprios filhos. De forma que se por um lado a mulher desenhada por Friedan queria o direito de não ser mãe, no Brasil a

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher escrava não lhe era dado o direito de ser mãe (LEMOS, 2006).

Mesmo hoje a figura da mãe preta continua representada no cinema norte americano como demonstra Angela Davis (1997) que expõe a condição da artista Whoopi Goldberg cujos personagens em sua grande maioria são formados por mulheres que facilitam a relação afetiva entre brancos ou que ajuda crianças no seu processo de desenvolvimento.

A realidade da mulher negra ao assumir o papel de mulata, cuja sensualidade e a conseqüente objetificação do corpo da mulher é enaltecida; de empregada e mãe preta em que o papel subalterno é elevado em relação ao homem branco e mesmo do homem negro, constrói a ideia de que mulheres negras não podem ser intelectuais e dessa forma assumir cargos e papéis intelectuais iguais ou superiores aos homens (HOOKS, 1995) como Benedita da Silva que assumi um papel específico como protagonista político. Benedita cujas ancestrais lutavam inicialmente pelo reconhecimento de direitos trabalhistas como um salário digno, hoje acaba inviabilizada por uma imprensa que assume uma postura machista, pois no seu protagonismo torna-se uma afronta a dita superioridade masculina e branca. Trata-se de uma negra e não apenas

de uma mulher ocupando um lugar destinado a um homem branco.

Como contraponto, para uma mulher branca como Marcela Temer ser assumida através da imprensa nacional como bela, recatada e “do lar” como sendo então um modelo para a mulher brasileira, é adoçar a noção sexista que acha que política é coisa de homem e que mulher deve ficar em casa cuidando do marido e dos filhos. O que favorece que uma mulher tida como “do lar” se encaixe no modelo de mulher que o machismo acolhe como ideal e passe a ser esperada como capa de revista.

A imagem de Marcela associada como bela, recatada e “do lar”. Traz para a discussão a luta estabelecida pelo movimento feminista em busca de romper com a realidade de submissão e opressão da qual a mulher ainda é vista hoje. Embora algumas mulheres hoje prefiram ainda manter esta imagem de submissão viva em sua realidade cotidiana, um dos pontos que causou maior indignação trata-se da veiculação deste modelo como se o mesmo fosse o de ideal para a mulher brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paralelamente aos jogos políticos pelo poder, enaltecer Marcela Temer como exemplo de mulher brasileira adoça o papel

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que a sociedade conservadora e machista espera da mulher. Remonta anos de luta por um espaço que a mulher ainda tenta sedimentar. No entanto, esta luta não pode inviabilizar o grito da mulher negra e falar por ela. Não que a mulher negra não seja invisibilidade nas suas conquistas como de fato é, a exemplo de mulheres como a deputada Benedita da Silva.

A mulher negra também luta por espaços de poder, porém sua luta assume contornos diferentes. A questão passa pelo fato do conceito de beleza que está associada a ser uma mulher branca de cabelo longo loiro e liso. Ao fato da responsabilidade pelas atribuições relacionadas ao cuidado com a casa, com filhos e família ser algo inerente a mulher negra. Quando a mulher branca sai de sua casa para exercer suas atividades profissionais, quem cuida da casa e da sua família nesse meio tempo é a mulher negra, enquanto a mulher branca não retorna do trabalho e reassume o trabalho em um carácter de jornada dupla de serviço, é verdade. No entanto, em sua ausência outra mulher assume o papel que a sociedade machista entende como sendo uma obrigação hereditária. Quando a mulher branca luta desenhando nas paredes de banheiros mensagens de luta, quem limpa ainda são as mulheres negras. O afastamento e invisibilidade das mulheres negras ainda estão

muito mais distante que as vitórias da mulheres brancas. As mulheres negras ainda são empregadas e mães pretas no Brasil. O que favorece ser tão fácil não perceber uma mulher negra como deputada federal.

Esperar que a mulher branca deva ser recatada numa alusão a necessidade que essa possa esconder sua sexualidade, a fim de permanecer escondida por trás de um homem que deve ter certeza que seus filhos são dele. Tal construção quer obrigar a mulher a ser uma figura amorfa tida como séria e portanto recatada. Com relação a mulher negra a sociedade machista parece esperar que ela tire a roupa no carnaval, pois a globeleza nunca foi uma mulher branca. Ser a mulata sensual que samba no Brasil se tornou profissão. O corpo da mulher negra tornou-se objetificado para que sua sensualidade seja consumida pela sociedade machista. A realidade escravista ainda se mostra presente na sociedade conservadora uma vez que cabe a mulher branca ser mãe e esposa, a mulher negra cabe ser objeto para saciar desejos. A mulher negra não é vista como mãe e esposa. Portanto existe um diferencial nesta luta, a mulher negra quer ser algo além de um símbolo sexual. A mulher branca quer a independência para ser o que quiser, a liberdade de usar seu corpo como quiser e sair, se desprender das amarras da família tradicional, pois ela já é mãe e esposa. Esta é

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a luta da feminista branca. A feminista negra já é vista como sensual e seu corpo é usado como propaganda para atrair homem estrangeiro. Ela tem uma liberdade com seu corpo muito maior que a mulher branca. No entanto, a mulher negra é preterida pelo homem tanto negro como branco nos relacionamentos sérios. A sua luta por liberdade, passa então por poder ser mãe e esposa. Não em uma estrutura de opressão, mas para ser algo além que símbolo sexual, com um corpo nu pintado no carnaval.

Reside neste ponto, uma das diferenças entre o feminismo de uma mulher negra e uma mulher branca, entre uma Marcela Temer e uma Benedita da Silva. Ambas ao final lutam pelo mesmo objetivo, a liberdade de simplesmente poder ser recatada ou não, em que homens possam contribuir com o cuidado com a casa e com os filhos e respeitar as possibilidades de crescimento financeiro e intelectual da mulher, não necessariamente nesta ordem, mas a construção dessa luta não é igual os impulsos e realidades são diferente e não podem ser omitidas no processo de luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. O cuidado as crianças pequenas no Brasil escravista. Caderno pesquisa. São Paulo (76): 31-40, fevereiro 1991.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. São Luis: 1997. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis>>.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: editora global, 2003.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HIRATA, Helena, Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 26, n. 1. 2014. pp. 61-73.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**. Ano 3, nº 2, 2º semestre, ano 2005. p. 464- 478

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, jurema; MENDONÇA, maisa; WHITE, C. Evelyn (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos Passos vem de longe**. Rio de Janeiro: Pallas /Criola, 2006. p.188-198.

LEMOS, Rosália de Oliveira. A face negra do feminismo: problemas e perspectivas. In:

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, maisa;
WHITE, C. Evelyn (Org.). **O livro da saúde
das mulheres negras: nossos Passos vem de
longe.** Rio de Janeiro: Pallas /Criola, 2006.
p.62-67.

LEAL, Maria do Carmo; DA GAMA, Silvana
Granado Nogueira; CUNHA, Cynthia Braga
da. Desigualdades raciais, sociodemográficas
e na assistência ao pré-natal e ao parto, 1999-
2001. **Rev. Saúde Pública.** vol.39 no.1 São
Paulo Jan. 2005.

Linhares, Juliana. **Marcela Temer: Bela,
recatada e “do lar”.** Beta veja.com.

Disponível em:

<[http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-
recatada-e-do-lar](http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar)> acesso em: 17/05/16.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil
contemporâneo: colônia.** São Paulo:
Companhia das Letras, 2011.

MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flavia.

**FEMINISMO E POLITICA: UMA
INTRODUÇÃO.** São Paulo: Boitempo, 2014.